



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS- CCHE
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

TAMIRES MIRELE LINS FELIX

**REFLEXÕES A RESPEITO DOS CONCEITOS DE “DISCURSO” E “SUJEITO”
NA *ORDEM DO DISCURSO*, DE MICHEL FOUCAULT**

MONTEIRO - PB

2014

TAMIRES MIRELE LINS FELIX

**REFLEXÕES A RESPEITO DOS CONCEITOS DE “DISCURSO” E “SUJEITO”
NA *ORDEM DO DISCURSO*, DE MICHEL FOUCAULT**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em
Letras da Universidade Estadual da Paraíba,
Campus VI, como requisito parcial para obtenção do
título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes

MONTEIRO

2014

F316r Felix, Tamires Mirele Lins.

Reflexões a respeito dos conceitos de “discurso” e “sujeito” na Ordem do Discurso , de Michel Foucault [manuscrito] : / Tamires Mirele Lins Felix. - 2014.

31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2014.

“Orientação: Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes, Departamento de Letras”.

1. Discurso. 2. Sujeito. 3. Foucault. I. Título.

21. ed. CDD 401.41

TAMIRES MIRELE LINS FELIX

**REFLEXÕES A RESPEITO DOS CONCEITOS DE “DISCURSO” E “SUJEITO”
NA *ORDEM DO DISCURSO*, DE MICHEL FOUCAULT**

Trabalho monográfico apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras.

Aprovada em 04 de Dezembro de 2014.

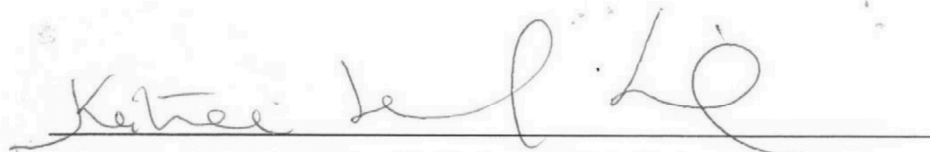
BANCA EXAMINADORA



PROF. Dr. MÁRCIO DOS SANTOS GOMES

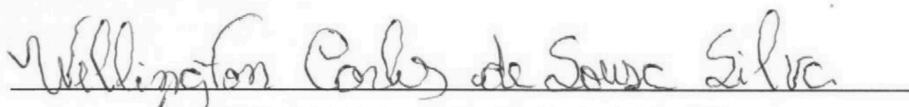
UEPB

ORIENTADOR



PROF. Ms. KEITIANA DE SOUZA SILVA

IFPB



PROF. WELLINGTON CARLOS SOUSA SILVA

UEPB

A Deus: minha maior fonte de inspiração; aos meus pais: Francisco Félix de Oliveira e Maria Valdenice Lins Guerra Félix, razão da minha vida; e ao meu querido irmão: Tarcísio Marlon Lins Felix.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por proporcionar-me a oportunidade de viver esta fantástica experiência que se chama VIDA e, sem o qual, nada seria possível. Agradeço por cuidar de mim, guiar os meus passos e iluminar o meu caminho todos os dias.

À minha amada base familiar:

Os meus pais e o meu irmão, as verdadeiras pessoas sempre dispostas a me ajudar. Agradeço por todo o apoio e o incentivo. Muitíssimo obrigada por tudo. Amo vocês!

À minha turma:

Nós enfrentamos muitos obstáculos para chegar até aqui, mas valeu muito a pena pelo tempo que passamos juntos, pois mais do que lições académicas, aprendemos e ensinamos lições de vida. Vou sentir saudade... Das conversas, das palavras de conforto, do apoio nos momentos de angústia, das gargalhadas que muitas vezes não tinham explicação, talvez por estarmos juntos, bastava. Um dos ciclos mais importantes das nossas vidas está chegando ao fim, mas se despedir das pessoas que fizeram parte dessa jornada é, necessariamente, triste. Contudo, precisamos continuar caminhando, por isso, desejo que sigam suas vidas com as mesmas características que os acompanharam por esses quase cinco anos. Foi uma honra poder conviver com vocês e que os laços de amizade nunca se desfaçam. Sou grata por tudo!

À irmã que a vida me presenteou:

Franciene Basílio Correia, agradeço pela valiosa amizade, por ser uma pessoa iluminada que me dá força e me encoraja em tudo que me proponho a fazer. É raro ter uma amiga para chamar de irmã.

À amiga mais que especial:

Juliana Carvalho, por representar com nobreza a palavra amizade, por ser a fiel confidente com a qual sei que posso contar sempre. Sou imensamente grata a Deus por você existir e fazer parte da minha vida.

A todos os meus amigos e amigas, em especial a Celiane Passos, Wilka Passos, Humberto Lira, Ana Maria Teixeira e Luma Raissa da Silva, pelo companheirismo de sempre.

A todos os membros da minha família, por acreditarem no meu potencial.

A cada professor (a) do curso de Letras da UEPB – Campus VI que fez parte da minha vida académica.

Agradeço ao professor Dr. Márcio dos Santos Gomes, meu orientador, sempre disposto a me ajudar e sem o qual a realização desse trabalho não seria possível. Obrigada.

À professora e amiga:

Keitiana de Souza Silva, a minha musa inspiradora, por ser um exemplo de profissional e ter me ensinado que com determinação podemos alcançar todos os nossos objetivos.

Sou muito grata a todas as pessoas cujos nomes foram citados aqui, e àquelas que mesmo não tendo sido citadas também contribuíram para que eu aprendesse um pouco mais e fosse muito feliz - luz da minha vida - nos quase cinco anos que passei na universidade.

Como diz uma bela canção “[...] aquilo que não mata só nos faz fortalecer. Vivendo aprendi que é só fazer por merecer. Que passo a passo a gente chega lá. [...] tenha fé, vá na fé, nunca perca a fé em Deus.” Muito obrigada, Senhor, por tudo.

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”

Michel Foucault

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão acerca do discurso. Na primeira parte procurou-se rastrear o pensamento de Paul Michel Foucault e entender a engenhosa decodificação do discurso e suas relações com o poder, empreendida pelo filósofo francês. Na segunda parte, trataremos das relações discursivas, da ilusão monológica do sujeito, das relações de autor e o processo de subjetividade. Como aporte teórico nos fundamentos, especificamente, na obra *A Ordem do Discurso* (1996), na qual Foucault apresenta discussões que ocorreram em 02 de dezembro de 1970 em sua aula inaugural no Collège de France. Uma das hipóteses apresentadas por Foucault nessa aula, é que em toda sociedade a produção de discurso é controlada, com o objetivo de retirar os poderes e os perigos e conter os acontecimentos aleatórios a essa produção.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Sujeito. Foucault.

ABSTRACT

The purpose of the present study is to reflect on the discourse. The first part aims to trace the French philosopher Paul Michel Foucault's reasoning, and thus understand the ingenious decoding of the discourse and its relationship with power. The second part of the work focuses on the discursive relations, the monological illusion of the subject, the relations of an author and the process of subjectivity. Theoretically, the study is based on the work *The Order of Discourse* (1996), in which Foucault presents discussions from his inaugural speech at the *Collège de France* on December 2, 1970. One of the hypotheses that Foucault presented in that class is that the production of discourse is controlled in all societies, with the objective to remove power and dangers, and withhold events as random to this production.

KEY-WORDS: Discourse. Subject. Foucault.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE DISCURSO NO DECURSO DO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT.	12
CAPÍTULO II – AS RELAÇÕES DISCURSIVAS E O PROCESSO DE SUBJETIVIDADE EM A ORDEM DO DISCURSO	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

Pretendemos, neste trabalho, refletir sobre o conceito de discurso apresentado por Paul Michel Foucault (1926 – 1984), em sua obra *A Ordem do Discurso*. O interesse em realizar um estudo de base filosófica surgiu mediante a experiência como aluna do Componente Curricular Filosofia da Educação, ofertado no 1º período letivo do curso de Licenciatura Plena em Letras-Português, bem como, da realização de algumas pesquisas na área da filosofia em outros Componentes Curriculares ao longo do curso.

O discurso tem, desde há muito tempo, sido objeto de reflexões no âmbito da filosofia e deve-se ter uma compreensão de que os discursos se organizam e se “desorganizam”, mas sempre em busca de uma nova organização e coerência interna para justificar “certezas” constituídas historicamente. Desse modo, quem “diz”, sempre o faz a partir de um lugar e com uma intenção.

Nesse sentido, é importante que se tenha em vista a historicidade do discurso, a sua acomodação às diversas situações para se estabelecer como ato impositivo, ato de verdade e de quase sempre, em ato de força. Dai a luta pela sua posse, pois, quem se apodera do discurso, se apodera também do poder e instaura relações assimétricas entre quem profere e quem ouve o discurso.

Este estudo intenta percorrer as trilhas das análises elaboradas por Michel Foucault acerca de como emergem determinados discursos no âmbito social, como se desfazem e se transformam em estruturas aparentemente sólidas, se desfazem mais uma vez e, assim, sucessivamente ao longo das transformações históricas.

O presente trabalho se divide em dois capítulos. No primeiro, apresentamos uma abordagem das principais teorias contidas na obra *A Ordem do Discurso*, focando, principalmente, na construção feita por Foucault do conceito de discurso que engendra amarras invisíveis de poder na sociedade. Além disso, apresentamos também os procedimentos externos e internos de exclusão que abrangem o discurso e são explicitados por Foucault.

Já no segundo capítulo, discutimos a respeito das noções de sujeito, autor e as relações discursivas, bem como, tratamos da importância do momento de enunciação d' *A Ordem do Discurso* para o filósofo francês.

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE DISCURSO NO DECURSO DO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT

A obra do filósofo francês Paul Michel Foucault (1926 – 1984) evidencia a construção de um novo conceito de sujeito, seja ela através do saber, do poder ou de si mesmo. No livro *A ordem do discurso* (1996), ele apresenta discussões acontecidas em 1970 em uma aula inaugural no Collège de France¹. Foucault problematiza o discurso na sociedade, abordando questões como: controle social, coerção, procedimentos de exclusão e interdição, ordem e desordem do discurso, sexualidade, poder, rejeição, razão e loucura, vontade de verdade, doutrinas, o discurso no âmbito das instituições, história contemporânea e história tradicional e deslocamentos² de Jean Hyppolite³.

Vale ressaltar que essas questões não são discutidas de forma fragmentada. Pelo contrário, elas se relacionam formando uma teia discursiva muito interessante. Diante disso, no presente capítulo, pretendemos fazer uma abordagem das principais teorias contidas na obra *A Ordem do Discurso*, focando na construção pelo pensador do conceito de discurso que engendra amarras invisíveis de poder no âmbito social.

Em *A Ordem do Discurso* (1996), Michel Foucault denuncia os mecanismos de controle e de poder disseminados na sociedade. Ele mostra que os discursos se organizam e se reorganizam internamente com o intuito de justificar verdades construídas historicamente. Dessa forma, quem diz, sempre parte de um lugar e com uma finalidade.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar

¹ No período de janeiro de 1971 até junho de 1984. Foucault lecionou no Collège de France, na cadeira de “História dos sistemas de pensamento”. Durante este período ele deu aulas e seminários, que foram registrados com gravadores de fita cassete e depois foram editados e publicados na forma de livros. (FOUCAULT, Segurança, Território, População, Martins Fontes, 2008).

² [...] creio eu, os deslocamentos que ele operou, não digo no interior da filosofia hegeliana, mas sobre ela e sobre a filosofia tal como Hegel a concebia; daí também toda uma inversão de temas. Em vez de conceber a filosofia como a totalidade enfim capaz de se pensar e de se apreender no movimento do conceito, Jean Hyppolite, fazia dela o fundo de um horizonte infinito, uma tarefa sem término, sempre a postos, sua filosofia nunca estava prestes a acabar-se. [...] (FOUCAULT, 1996, p. 74 – 75).

³ Professor de filosofia, especialista em Hegel e com trabalhos notórios sobre outros filósofos alemães.

seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua terrível e pesada materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 08 - 09).

O autor sugere que é preciso identificar, no âmbito social, as práticas de exclusão que condicionam os sujeitos à submissão e ao silêncio aterrorizador. Pois, “em uma sociedade como a nossa [...] sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p. 09). Desse modo, os procedimentos de poder e de dominação são praticados constantemente, no intuito de emudecer o sujeito.

De acordo com o filósofo, existem práticas de exclusão dentro da produção do discurso, tais como, “interdição, separação ou rejeição”. No caso do procedimento de interdição, o discurso é delimitado por três fatores: “Tabu do objeto”, “ritual de circunstância” e “direito privilegiado”. Foucault ilustra esse tipo de determinação do discurso nos campos da política e da sexualidade, nos quais o discurso é mais controlado. Constantemente ele mostra que o discurso deixa de ser transparente e neutro para tornar-se o lugar onde a palavra exerce privilégio e poder, principalmente, nestas áreas.

Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala, temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (FOUCAULT, 1996, p. 09).

Nos procedimentos de separação ou rejeição, o autor estabelece a relação opositiva entre a razão e a loucura, e tenta estabelecer qual o valor de verdade dentro do discurso.

Porque, ainda nos poetas gregos do século VI, o discurso verdadeiro – no sentido livre e valorizado do termo – o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e temor, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido, era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual sua parte, era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização,

suscitava a adesão dos homens e se tornava assim como o destino. (FOUCAULT, 1996, p. 14 – 15).

O filósofo utiliza a definição de verdade dos gregos, para os quais o discurso verdadeiro é aquele proferido por quem tem o direito para tanto, obedecendo ao ritual requerido. De outra forma, é preciso que haja uma legitimação, além de um ambiente e de uma circunstância ideal para que a palavra proferida seja verdadeira. Por isso, o louco - entendido como aquele que não domina sua razão - não é capaz de possuir e proferir um discurso verídico. “Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância [...]” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Depois do Renascimento, a ideia de verdade⁴ deixa o caráter de ritualização para ser entendida como uma relação entre seu sentido, seu objeto e sua referência, (*adequatio intellectus et rei* – verdade como adequação). Isto quer dizer que todo o critério de verdade agora vai ser entendido dentro do próprio discurso, e não mais em fatores externos a ele. Segundo Foucault, tanto em um como no outro sentido, a verdade será sempre usada como forma de controlar e regular a sociedade.

Ao afirmar a relação poder e saber, o filósofo cria uma definição nova que garante que o poder do discurso pode funcionar negativamente, distorcendo a verdade e garantindo a dominação do poder opressor. Essa forma de “ameaça” se dá através do saber. Mas, qual o perigo que a liberdade do discurso pode trazer? É nessa dúvida que a teoria do filósofo aposta e vai se desenvolver.

Foucault argumenta que a sociedade se disciplina através da linguagem das ideias que se proliferam indefinidamente, caracterizando a sociedade do discurso. Por causa desse modo de disseminação, rápida e indiscriminada, o poder torna-se mascarado e não sabemos, na verdade, onde ele está. Ao mesmo tempo em que se camuflam, os discursos se perpetuam e influenciam em grande

⁴ [...] creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção. [...] (FOUCAULT, 1996, p. 18).

escala o comportamento do homem em sociedade. Os indivíduos apreendem desde crianças, ideias e valores ditados pelas instituições valorizadas por sua sociedade, tais como a família, assim como pelas instituições – principalmente, as escolares. Esses discursos intentam dizer ao homem qual o papel que ele precisa desempenhar na sociedade, portanto, discipliná-lo, sujeitá-lo. “A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras.” (FOUCAULT, 1996, p. 36).

No entendimento do autor, a instituição escolar desempenha, nesse sentido, o papel de modelador, adestrador dos indivíduos, fazendo-os entender quais as ideias e discursos apropriados dentro do contexto social, sobretudo, segundo a classe detentora do poder. A escola funciona como apoio à vontade de verdade, ao mesmo tempo em que distribui, valoriza e reparte o saber. Dessa forma, a “instituição escola” exerce uma espécie de pressão ou coerção sobre os indivíduos, forçando-os sutilmente se moldar ao que pensa a classe que domina ideologicamente a sociedade. Ainda, a apropriação social dos discursos é feita pelo sistema educacional, que é definido por Foucault como o espaço onde os indivíduos têm acesso a muitos discursos e aprendem a reproduzi-los.

Para Foucault, a partir do momento em que o sujeito tem consciência de que a sociedade constrói todo um discurso ao qual ele é moldado, pode passar a ter voz ativa sobre suas ações. Isso não significa dizer que ele terá total liberdade sobre seus modos de agir e pensar. Mas, o indivíduo terá, ao menos, consciência e visão do jogo de ideologias ao seu redor e poderá questionar a verdade veiculada pelas instituições.

Até o presente momento, falamos dos três grandes procedimentos externos de exclusão que abrangem o discurso: a interdição (a palavra proibida), a separação ou rejeição (a segregação da loucura) e a vontade de verdade. O autor remete um grande esforço explicativo ao terceiro processo de exclusão, justificando sua atitude pelo fato de que,

[...] há séculos, os primeiros não cessaram de orientar-se em sua direção; é que, cada vez mais, o terceiro procura retomá-los, por sua própria conta, para, ao mesmo tempo, modificá-los e

fundamentá-los; é que, se os dois primeiros não cessam de se tornar mais frágeis, mais incertos na medida em que são agora atravessados pela vontade de verdade, esta, em contrapartida, não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável. (FOUCAULT, 1996, p. 19).

Entretanto, como bem menciona Foucault, se a relação “falso/verdadeiro” ocupou um lugar de maior destaque como instrumento de controle, é preciso reconhecer, que “[...] é dela sem dúvida que menos se fala [...]” (FOUCAULT, 1996, p. 19). E este é justamente o lugar de um jogo essencial, ou seja, o jogo do desejo e do poder.

Em *A Ordem do Discurso* o filósofo identifica mais três procedimentos⁵ do discurso que funcionam como princípios internos de exclusão, a saber: o comentário, o autor e a disciplina. Passamos a falar desses últimos três.

De acordo com Foucault, os comentários podem ser entendidos como os ditos dispersos ou não, mas que, acabam se consolidando como verdades. Contudo, ele afirma que muitos textos da nossa cultura de cunho religioso, literário, jurídico e científico “[...] se confundem e desaparecem e, por vezes, comentários vêm tomar o primeiro lugar.” (FOUCAULT, 1996, p. 23). No entanto, podemos alegar que existe uma correlação entre os ditos primeiros e os ditos secundários, pois eles dependem um do outro e acabam se repetindo.

O campo disciplinar, assim como o comentário, são fatores característicos de um espaço discursivo que aprova ou exclui a possibilidade de elaboração e apropriação de saberes e discursos pelos indivíduos. No comentário, a divisão social dos textos entre primários e secundários limita as possibilidades discursivas, adotando como critério o que foi dito nos textos primários.

O segundo princípio de exclusão apontado pelo autor é o que ele chama de rarefação de um discurso e está presente na autoria. Mesmo reconhecendo a

⁵ Procedimentos internos, visto que são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle, procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso. (FOUCAULT, 1996, p. 21).

existência de um “indivíduo-autor⁶”, ele dirá que a autoria funciona como um tipo de agrupamento que dá coerência a um conjunto de significações. Ou seja, a noção de autor é compreendida como um procedimento de controle, pois determina, no nível das instituições e da sociedade, quais os indivíduos autorizados a proferir determinados discursos.

Foucault indicará as disciplinas (não a Razão que funda o conhecimento da Ciência) como outro princípio de limitação do discurso. A disciplina permite um processo de criação, mas dentro de um jogo limitado. Dessa forma, as disciplinas se opõem ao comentário e à autoria, pois se tratam de um sistema anônimo de regras, métodos a serem seguidos. Na disciplina não se busca um ponto de partida, como no comentário, mas uma capacidade de formulação de novas proposições de modo indefinido. E assim, as disciplinas não acabam com os conteúdos dos objetos de estudo: “A medicina não é constituída de tudo o que se pode dizer de verdadeiro sobre a doença; a botânica não pode ser definida pela soma de todas as verdades que concernem às plantas”. (FOUCAULT, 1996, p. 31)

O filósofo vê sempre o jogo das possibilidades do erro “disciplinado” tornar-se verdade. Isso induz à constatação de que a verdade está sempre demarcada por uma “polícia” discursiva. A disciplina é sempre um princípio do exercício do controle. Assim sendo, os comentários, a autoria e as disciplinas trazem consigo um jogo de aparências, cujo pano de fundo é o do exercício da coerção.

Foucault identificará, ainda, um terceiro agrupamento de controle dos discursos: as determinações das condições especiais de seu funcionamento. Trata-se de uma série de exigências impostas ao “grupo de iniciados”, ou seja, a imposição de regras aos sujeitos do discurso, constituindo os grupos de procedimentos de controle, seleção, organização e redistribuição da produção dos discursos. Estas regras não tratam de evitar o acaso de sua aparição ou controlar o poder do discurso, mas “rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for,

⁶ O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. (FOUCAULT, 1996, p. 26).

de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 1996, p.37). No divã da psicanalista instaura-se o jogo da assimetria de quem sabe, do iniciado, e do louco, que precisa ainda “fazer saber”.

Neste caminho, Foucault vê como forma mais superficial, mais visível, também, um conjunto de movimentos que pode ser chamado de ritual; que define as qualidades dos que têm direito a ter o exercício da fala. São visíveis os locais mais próprios para esse tipo de exercício coercitivo: as sociedades “secretas” de discurso.

Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos. (FOUCAULT, 1996, p. 39).

Tudo está imerso em relações de poder e saber implicadas mutuamente, textos, enunciados, instituições e práticas sociais presos a relações de poder. O discurso representa o poder e se impõe a todos que se estabelecem dentro de um acurado campo discursivo.

As formações discursivas devem ser vistas sempre dentro de um espaço discursivo, isto é, em uma relação com determinados campos de saber como princípio de dispersão e repartição de enunciados. A construção de um discurso sobre o saber encontra na escola, por exemplo, um espaço privilegiado para a sua produção estratégica, pois ela é socialmente reconhecida como instituição veiculadora por excelência de todo conhecimento historicamente acumulado pela humanidade.

As instituições introjetam as regras de controle de forma a consolidar as leis gerais, como por exemplo, a instituição escolar: permite uma melhor economia no tempo de aprendizagem dos regulamentos sociais, faz funcionar o espaço pedagógico como uma fábrica de ensinamentos, mas ao mesmo tempo é eficiente em vigiar, hierarquizar, recompensar, punir e certificar, independente de o indivíduo ter atingido os comportamentos esperados.

Os discursos fabricantes de verdade apoiados por esse suporte institucional, exercem pressão sobre outras formas de discurso. Todas as instituições e práticas sociais ao mesmo tempo em que oferecem suporte ao discurso buscam nele o próprio eixo de sua sustentação. Um exemplo citado por Foucault é o sistema penal, que busca sua justificação em uma teoria do direito, em um saber médico, sociológico, psiquiátrico. São os enunciados dentro de cada discurso que marcam e sinalizam o que é tomado por verdade em um tempo e espaço específico, ou seja, que estabelecem um regime de verdade.

Os discursos não estabelecem uma relação mecânica, unidimensional ou causal, mas se sustentam sobre os sistemas de exclusão que os marcam. Os sistemas tornam possível delinear e gerenciar os limites do que se pode dizer e do que é verdadeiro.

A educação⁷ ocupa um espaço particular no processo de apropriação social do discurso, pois, embora seja o instrumento que oferece a todos os indivíduos o acesso às diversas modalidades de discurso, ela segue “as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais.” (FOUCAULT, 1996, p. 44).

Os atos enunciativos sempre obedecem a conjuntos de regras historicamente estabelecidas e condicionadas pela verdade de um tempo. Tudo que for dito está radicalmente amarrado às dinâmicas de poder e de saber. Exercer uma prática discursiva significa falar de acordo com determinadas regras e expor as relações que se dão dentro de um discurso.

A *Ordem do Discurso* em tela de análise, logo, é o exemplo de como Foucault suspendeu as evidências para dizer que as coisas existem, utilizando, para tanto, uma geometria variada. A teoria empregada por ele não possui ponto de partida logicamente sistematizado, nem sujeito e nem liberdade, pois o que existe são relações. O que está em jogo é o procedimento de suspensão das evidências dos objetos pré-constituídos e como eles são constituídos em grades de inteligibilidade.

⁷ Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (FOUCAULT, 1999, p. 44).

Foucault (1996) analisa o saber na orientação dos comportamentos, das lutas, das batalhas, das decisões e das táticas. Para a análise⁸ da estratégia do discurso ele examina perguntas e respostas feitas pelos indivíduos em seus discursos, ou seja, a estratégia do discurso de um sujeito em relação a outro, os mecanismos utilizados para obter uma verdade. Demonstra em seus recortes a execução simultânea desses discursos e as alterações que dão conta de suas reformas visíveis. Acredita que enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam. Para ele, os discursos possuem uma materialidade, são feitos para obedecer e fazer obedecer.

Nesse sentido, podemos concluir que um discurso não é um acontecimento de mera “expressão” de algo, não pode ser apenas avaliado pela utilização das letras, palavras e frases que o enunciam no âmago de suas regularidades por meio das quais podemos definir uma rede conceitual que lhe é própria. Segundo o filósofo,

As regras de formação dos conceitos, não residem na mentalidade, nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo (FOUCAULT, 1986, p.70).

Contudo, ninguém diz nada sem ter ouvido dizer e sem estar neste ou naquele lugar. Por consequência, o discurso é uma relação complicada e essa relação explica as próprias regras de aplicação ou de realidade da enunciação e dos enunciados.

⁸ [...] A parte crítica da análise liga-se aos sistemas de recobrimento do discurso; procura detectar, destacar esses princípios de ordenamento, de exclusão, de rarefação do discurso. Digamos, jogando com as palavras, que ela pratica uma desenvoltura aplicada. A parte genealógica da análise se detém, em contrapartida, nas séries da formação efetiva do discurso: procura aprendê-lo em seu poder de afirmação, e por aí entendo não um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas. [...] (FOUCAULT, 1996, p. 69 – 70).

CAPÍTULO II

AS RELAÇÕES DISCURSIVAS E O PROCESSO DE SUBJETIVIDADE EM *A ORDEM DO DISCURSO*

Michel Foucault, em sua obra *A ordem do discurso* (1996), produz um discurso literário, bem ao seu estilo de escritor que demonstra a importância e a função do discurso no processo de comunicação e como o sujeito se posiciona perante os discursos.

Em uma abordagem metalinguística, Foucault analisa a ilusão monológica do sujeito ao produzir um discurso e as ideologias subjacentes, o posicionamento do sujeito enquanto autor do texto, focando sempre o discurso como processo de interação comunicacional.

A contribuição de Michel Foucault para a análise do discurso é de suma importância, pois com um estilo literário envolvente o autor reflete conceitos, analisa posicionamentos e percebe-se que na obra *A ordem do discurso* o enfoque não se encontra no sujeito, nem no enunciado, mas nas formulações discursivas. Sendo assim, no presente capítulo discutiremos as noções de sujeito, autor e formulações discursivas apresentados na obra, bem como, trataremos da importância do momento de enunciação de *A Ordem do Discurso* para o filósofo.

De acordo com Foucault, as formulações discursivas, os processos interacionais entre os interlocutores e o contexto de enunciação, são os focos de análise para compreender os discursos, uma vez que esses são mais que os enunciados formulados. A consonância dos enunciados com o contexto é fator primordial para que o processo comunicacional aconteça.

Segundo o autor, o discurso é a explicitação do mundo, a verbalização de uma realidade, na qual estamos inseridos e, através do discurso o material pode ser compreendido, interpretado, reorganizado, dessacralizado. Assim, como tudo se reorganiza e se renova, o discurso também é refeito cada vez que é anunciado, produzido.

[...] uma cumplicidade primeira com o mundo fundaria para nós a possibilidade de falar dele, nele; de designá-lo e nomeá-lo, de julgá-lo e de conhecê-lo, finalmente, sob a forma da verdade [...] é o discurso ele próprio que se situa no centro da especulação. Mas este logos, na verdade, não é senão um discurso já pronunciado, ou antes, são as coisas mesmas e os acontecimentos que se tornam insensivelmente, discurso, manifestando o segredo de sua própria essência. O discurso nada mais é do que a reverberação de

uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 1996, p. 48 – 49).

O discurso tem força criadora, produtiva e possibilita que as ideologias se materializem, tornando-se perigoso na medida em que serve a interesses, consolida estratificações sociais, pode ser usado para marginalizar, discriminar. Segundo Foucault o discurso, nessa perspectiva significa poder.

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Na visão do autor, quem tem acesso a um discurso convincente pode utilizar-se da linguagem para manipular, dominar, seduzir, por isso, o discurso passa a ser cobiçado, admirado, desejado, temido por seu simbolismo, sua força. Literariamente, poder-se-ia denominar essa característica das formulações discursivas como o poder da palavra, palavra que se impõe com toda sua força aos seus locutários, produzindo sentidos, causando significações, palavra que, uma vez proferida deixa sua marca.

Uma vez entendidas as questões ideológicas que permeiam todo discurso, a força que ele possui de construir e destruir o discurso passa a ser temido, a sociedade relega-o, com isso cria-se a ilusão de destituí-lo de seu poder, de diminuir sua força, mas, o silêncio da sociedade perante o poder do discurso não o destitui, não o apaga. Foucault, n'A *ordem do discurso* mostra o medo das sociedades diante o discurso.

[...] tudo se passa como se tivessem querido apagar até as marcas de sua irrupção nos jogos do pensamento e da língua. Há, sem dúvida, em nossa sociedade e, imagino, em todas as outras mas segundo um perfil e facetas diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surdir de todos esses enunciados, de tudo o que

possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso. (FOUCAULT, 1996, p. 50).

A temeridade perante o discurso, contudo não paralisa os indivíduos, não possibilita a sua utilização no processo interacional, o indivíduo utiliza-se desse sem, no entanto, aceita-lo em sua complexidade, em meio ao dito e ao não dito, vão se constituindo relações, sendo trilhados caminhos, escrevendo-se a história.

É importante salientar que, uma vez sendo a vida transitória e construída a cada momento, o papel constitutivo do sujeito altera-se, modifica-se, e essa transitividade lembra o indivíduo de ser o instrumento do ato comunicacional, não o centro da comunicação. De acordo com o autor, essa certeza causa sentimentos contraditórios, angústias.

[...] Inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante desta existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob esta atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imaginam; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. (FOUCAULT, 1996, p. 08).

Sendo o discurso uma materialização de ideologias, muitas vezes o indivíduo utiliza-o para mascarar uma realidade, suplantar verdades, garantir posições e como vimos no primeiro capítulo o discurso começa a representar interesses de classes, servir de dominação. Na perspectiva de Foucault, o discurso simboliza poder e em uma metalinguagem passa a ser desejado por tudo que é capaz de conquistar, materializar. Contudo, saber utilizar o discurso significa controlar pessoas, direcionar a história. O discurso passa a ser então o objeto desejado.

[...] e o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que esta em jogo, senão o desejo do poder? O discurso verdadeiro, a que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade, essa que se impõe a nós

há bastante tempo, é tal que a verdadeira que ela quer não pode deixar desmascará-la. (FOUCAULT, 1996, p. 20).

Até o presente momento falamos das formulações discursivas apresentadas por Foucault em *A Ordem do Discurso* e a partir de agora passamos a falar das noções de autor, sujeito e subjetividade.

Perante uma sociedade em que a necessidade da afirmação do ser humano se faz pertinente e importante, seja essa afirmação no âmbito pessoal, profissional, e intelectual, questões concernentes à autoria são também discutidas por Michel Foucault em sua obra. “O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real”. (FOUCAULT, 1996, p. 28).

Sendo as formulações discursivas o centro da comunicação, o autor materializa a linguagem dando-a concretude, tirando-a do campo do pensamento para trazê-la para o universo palpável. Mas, o autor não implica em ser inédito, apesar do mascaramento do sujeito, de sua ilusão discursiva, segundo Brandão (1994), todo discurso é resultado de outros já pronunciados em outros contextos, por atores representantes de outros papéis, o que faz o sujeito imaginar-se inédito. “Sonho lírico de um discurso que renasce em cada um de seus pontos, absolutamente novo e inocente, e que reaparece sem cessar, em todo frescor, a partir das coisas, dos sentimentos ou dos pensamentos”. (FOUCAULT, 1996, p. 23).

Nesse processo dialógico com o mundo, o sujeito é constituído, ao mesmo tempo em que constrói a realidade em que está inserido. Através do discurso o sujeito se constitui como construtor de uma realidade, modificando-a e sendo modificado por ela, constituindo uma sociedade que é reflexo dos discursos. O sujeito, por sua vez, ao dizer, se significa e significa o próprio mundo.

Nessa perspectiva é que consideramos que a linguagem é uma prática. Não no sentido de realizar atos, mas, porque pratica sentido, ação simbólica que intervém no real. Prática, enfim, a significação do mundo. O sentido é história e o sujeito se faz (se significa) na historicidade em que está inscrito. (ORLANDI, 2001, p. 44).

De acordo com o filósofo, ao mesmo tempo em que o discurso nunca é inédito, o seu contexto de produção é sempre original, o que determina que mesmo não sendo original todo discurso seja único, Foucault tem noção de que as ideias transmitidas por ele são heranças de várias outras a ele transmitidas, mas ao mesmo tempo sabe que o momento dessas formulações discursivas jamais foi vivenciado, que mesmo tendo inúmeras outras aulas a ministrar no Collège de France essa primeira será única.

O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. O autor, não é entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações como foco de sua coerência. (FOUCAULT, 1996, p., 26),

Constituir-se, assim, como sujeito de um discurso que implica em apropriar-se subjetivamente de um discurso em um determinado contexto, que devido as suas condições de produção, fará desse momento único, diferenciado. Experiência entrelaçada de ideologias que marcam o ser humano em sua singularidade. E é a partir daqui que falaremos da importância d'*A Ordem do Discurso* para Foucault enquanto autor da obra.

Privilegiado por ter tido a oportunidade de conviver em um contexto histórico-social de muitas revelações com figuras importantes como Barthes⁹ e Deleuze¹⁰, entre outros. Foucault torna-se aluno de Jean Hyppolite, fato que transforma toda a sua vida.

Quando o discípulo é convidado a substituir o mestre em uma cadeira do Collège de France, demonstra, com extrema sensibilidade, a influência de Hyppolite em sua formação e a consciência da importância da função que irá exercer, além do medo em se colocar como portador de algo que talvez muitos esperassem ser novo e diferente. *A Ordem do Discurso* é sua apresentação perante a instituição, na obra, o filósofo inicia mostrando o poder da palavra, a

⁹ Roland Barthes foi um escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês.

¹⁰ Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês.

força do discurso, o sentimento de impotência e um homem como mero instrumento.

Gostaria de me insinuar sub-repticiamente no discurso que devo pronunciar hoje, e nos que deverei pronunciar aqui, talvez durante anos. Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase e me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível. (FOUCAULT, 1996, p. 5-6).

Assim como vários poetas percebem a poesia não como uma escolha, mas como uma imposição em suas vidas, personificando a palavra de maneira gigantesca, Foucault se percebe não como autor de um discurso pronunciado, mas, como sujeito do que não é dito, das lacunas, do silêncio.

No trecho supracitado, temos metáforas: “insinuar sub-repticiamente no discurso que devo pronunciar”; gradação: “bastaria então que eu encadeasse, prosseguisse a frase e me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios,” prosopopeia: “ Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado por além de todo começo possível.” A leveza dos versos, a escolha das palavras, faz de sua obra de profunda discussão filosófica, uma arte literária.

Todas essas características demonstram como Foucault portou-se diante a vida e sua sociedade. Homossexual, em um tempo em que a homossexualidade era considerada doença, professor em uma tradicional família de médicos, poeta disfarçado de filósofo, ou talvez, alguém que conseguiu traduzir a filosofia através da poesia.

No fragmento abaixo, se percebe a angústia diante do entrelaçamento dos discursos, do medo de não corresponder às expectativas ao substituir o mestre, da utilização do discurso nem sempre de forma clara e honesta. Ao mesmo tempo, o próprio Foucault responde de forma alegórica que ele não deve temer,

uma vez que é apenas um instrumento utilizado, pois o grande centro de tudo é o discurso, há muito esperado.

O desejo diz: “eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem a minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria se não de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz”. E a instituição responde: “você não tem porque temer começar: estamos todos aí para te mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mais o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém”. (FOUCAULT, 1996, p. 07).

O “pessoal” é deixado em detrimento do coletivo, o sujeito verdadeiro do discurso é o próprio discurso. Novamente gradações: “gostaria que fosse ao meu redor como a transparência calma, profunda, indefinidamente aberta,”; prosopopeia: “de onde as verdades se elevassem, uma a uma”; comparação: “eu não teria se não de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz”. O poder de escravizar ou libertar, incluir ou discriminar não é dado ao homem como ser racional, mas ao homem como produto de suas relações discursivas, perpassadas de ideologias.

Sujeito de seu tempo e sua história, Foucault demonstra não ser insensível ou imune à sua história, mas consciente de serem, as formulações discursivas de sua época, geradoras de suas incongruências.

Sendo esse trabalho um trilhar pela obra de Michel Foucault, salienta-se a importância da sensibilidade do homem para a constituição do filósofo, do poeta, como o mesmo apresenta profunda consciência do papel do homem na constituição da realidade e a importância do discurso para a construção da sociedade, seja como prática de consolidação de realidades, seja como forma de alteração de uma ordem. Através de um discurso de sua aula inaugural, o autor nos mostra as funções do discurso e toda sua força.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste estudo, expor a teoria de Foucault sobre o discurso, demonstrando não “o que está por trás” dos textos, nem “o que se queria dizer com aquilo”, mas sim, descrever quais são as condições de existência de um determinado discurso e enunciado, suspendendo continuidades, acolhendo cada momento do discurso e tratando-o no jogo de relações em que está imerso. É possível levantar um conjunto de enunciados efetivos, em sua singularidade de acontecimentos raros, dispersos e indagar: porque a singularidade acontece “ali”, naquele lugar, e não em outras condições?

Em síntese, partindo da premissa de que não se pode falar de qualquer “coisa” em qualquer época, Foucault nos convida, a partir da investigação dos discursos, a nos defrontarmos com a nossa história ou o nosso passado, aceitando pensar de outra forma o agora que nos é tão evidente. Dessa forma, libertamo-nos do presente e nos instalamos quase em um futuro, com perspectiva de transformação de nós mesmos.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

MUNIZ, Durval. *Cartografias de Foucault* / Organizado por Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Alfredo Veiga-Neto, Alípio de Souza Filho. Belo Horizonte, 2008. (Coleção estudos foucaultianos).

Revista FILOSOFIA ciência e vida, tentações do poder, n° 02.

Revista Educação Especial: biblioteca do professor, Foucault pensa a educação.

FOUCAULT, *Segurança, Território, População*, Martins Fontes, 2008.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. São Paulo: UNICAMP, 1994. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/francisrosa1982/introducao-analise-do-discruso-helena-brandao>. Acessado em 10 de setembro de 2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Hyppolite. Acessado em 20 de outubro de 2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilles_Deleuze. Acessado em 20 de outubro de 2014.

ORLANDI, Eni. *A Linguagem e seu Funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1984. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/93502748/ORLANDI-Eni-a-Linguagem-e-Seu-Funcionamento>. Acessado em 01 de setembro de 2014.